



Livros

ENTREVISTA/ Bruna Lombardi

# Identificação de uma mulher

Foto de Manoel Leão

## OS LIVROS DA MINHA VIDA

Que livros você está lendo?

Agora leio "Em busca de um homem sensível", de Anais Nin, e "Anarquia da fantasia", do cineasta alemão Walter Werner Fassbinder. Além destes, tem alguns livros que considero especiais, aos quais sempre volto, como "Meu último suspiro", de Luís Buñuel.

Alguma preferência especial por cineastas? Não necessariamente. Esses homens não foram apenas cineastas, foram personalidades que, como intelectuais, marcaram época. Talvez eu leia poucos romances sim, mas isso porque minhas preferências se orientam para minhas áreas de interesse. Artaud, por exemplo, é outro autor para quem sempre volto. Ele me ajuda muito, me transmite coragem com toda aquela loucura. São pessoas que nunca se conformaram com as biografias me estimularam bastante.

CHRISTIANE TORLONI



GIULIA DI VIZIA



O universo feminino e suas perdas. Este é o tema do sexto livro — e primeiro romântico — da atriz e poeta Bruna Lombardi. "Filmes proibidos" (Companhia das Letras, 255 pgs., Cr\$ 2.350,00). Depois de três livros de poesia — "No ritmo dessa festa" (1976), "Caia" (1980) e "O perigo do dragão" (1986) —, do relato da aventura de viver um personagem de Guimarães Rosa na TV ("Diário de Grande Sertão", 1986) e um livro infantil ("Apenas bons amigos", 1987), Bruna partiu para a ficção graças ao estímulo do escritor Rubem Fonseca. A partir de uma situação banal — uma peça de rua —, Bruna envolve sua personagem numa cinematográfica trama de suspense, usando como cenários Berlim, Tóquio e São Paulo onde lançará seu romance amanhã, às 18h, no Museu da Imagem e do Som.

O GLOBO — "Filmes proibidos" é um romance autobiográfico? BRUNA LOMBARDI — Não, é um livro de ficção. É um romance sobre várias vidas que se entrelaçam num grande centro urbano. Eu não falo sobre mim. Pelo contrário, o que me interessa é trabalhar criando personagens que não têm nada a ver comigo. Para escrever "Filmes proibidos" tive que pesquisar muito, inclusive em campos que não conheço — por exemplo, estudei Física durante sete meses, para construir um personagem que é professor de Física. Eu acho que o grande prazer do

ato de escrever — se é que existe algum — é poder descorinar novos universos, descobrir outros mundos, passar por sentimentos que não eram meus e que se tornaram meus. Isso me amplia, me engrandece como ser humano.

O GLOBO — É verdade que você recebeu US\$ 25 mil de adiantamento da Companhia das Letras? BRUNA — Não, não é verdade. Havia cinco editoras interessadas, mas nunca quis botar o romance em tela. Agi de forma ética. Tenho livros publicados por outras editoras, como a Record ("O perigo do dragão") e a Globo ("Diário de Grande Sertão"), mas o trabalho editorial que o Luiz Schwarz está fazendo me interessou mais. Assinei um contrato com a Companhia das Letras, sem envolver dólares, e vou ganhar o que os outros escritores ganham, nada mais. No Brasil não existe isso. Escrever é apenas uma brincadeira, os autores brasileiros não ganham dinheiro.

O GLOBO — O romance é dedicado ao escritor Rubem Fonseca, que leu os originais. Ele deu algum conselho? BRUNA — Não, conselho nenhum. Nós somos amigos há muito tempo, desde 1976. O Zé Rubem é uma pessoa muito estimulante, mas não teve nenhuma interferência no romance.

O GLOBO — Você lida bem com a crítica? BRUNA — Lido, pelo seguinte: por princípio, não sou alguém que queira se posicionar das coisas. Eu não quero ver só um lado da vida, quero ver tudo. Não sou uma pessoa com medo — se fosse, não me expunha.

O GLOBO — Fale sobre o seu processo de criação. Quanto tempo

levou para escrever "Filmes proibidos"?

BRUNA — O livro surgiu num momento em que senti que estava carregando comigo muitas histórias. A minha matéria-prima — não só como escritora, mas também como atriz — é a sensibilidade. Isso me faz ficar muito envolvida com as histórias das outras pessoas, me faz querer me aproximar delas, conhecê-las mais profundamente. O que me move são os outros. Sobre a criação do livro, foi um processo massacrante de trabalho, que consumiu três anos. Eu trabalhava de noite, ficava sem dormir. Cada um tem um jeito de canalizar sua loucura: ler, dançar, ouvir uma música... O meu é escrever.

O GLOBO — "Filmes proibidos" é um romance fragmentado, cheio de referências ao cinema e à música. Fale sobre isso. BRUNA — O romance reflete esse fenômeno contemporâneo da multiplicidade de informações que nos cerca. A própria felicidade da protagonista é feita de altos e baixos, com momentos histéricos e momentos profundamente tristes e solitários. É uma mulher que questiona milhões de coisas, que tem certezas absolutas num dia e dúvidas atroz no outro. Enfim, é uma heroína contemporânea, com contradições, dúvidas e superficialidade. Em muitas coisas eu me identifico com a personagem, porque ela se identifica com todas as mulheres. Daí o humor do livro, apesar de ele falar sobre perdas (de um amigo, de um amor). As vezes você tem que rir da sua dor. A mulher de hoje se divide em tantas pessoas, é obrigada a fazer tantos papéis e passa por uma gama tão complexa de sentimentos que, se não levar isso com humor, acaba enlouquecendo.

Giulia di Vizia é repórter da sucursal São Paulo de O GLOBO.



Bruna: "Cada um tem um jeito de canalizar a loucura. O meu é escrever"

## COMPORTAMENTO

### O despertar da Bela Adormecida

MARLI BERG

ADEUS, BELA ADORMECIDA, de Madona Kolbenschlag. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. Editora Saraiva, 319 pgs. Cr\$ 2.900,00.



Baseada na mesma teoria que a americana Madona Kolbenschlag escolheu seis temas de contos de fadas para narrar a trajetória da mulher e de sua emancipação, desenvolvendo uma sugestiva análise sobre a evolução das relações entre os sexos.

A autora aborda, em primeiro lugar, a história da Bela Adormecida, estagio em que a mulher, dormindo cercada de hera, espera o príncipe encantado, que a despertará, conduzindo-a a seu verdadeiro destino: a vida conjugal. A seguir vem "Branca de Neve", envenenada com a maçã da madrastra (a mãe má, no sentido psicanalítico), cercada de seres masculinos míniptulos que não conseguem protegê-la (os sete anões) e que também é despertada por um príncipe. A autora estabelece aqui um paralelo com o estagio de desenvolvimento feminino em que a filha busca inconscientemente tornar-se um espelho da mãe.

"Cinderela" já é um passo adiante e configura a entrada da mulher no campo de trabalho. Afinal, Cinderela cuida de todas as atividades da casa, enquanto a madrastra e as irmãs passam o tempo se divertindo. Aparece então a Fada Madrinhá, que exorciza a maldição e, dessa forma, Cinderela se casará e ganhará ascensão social através de um príncipe (o homem), claro.

"Cachinhos Dourados", "A bela e a fera" e "Príncipe Sapó" dão seguimento à caminhada histórica do feminino, embora em todos esses contos infantis esteja presente a idéia de salvação e progresso pelas mãos de um homem. Mas este, a esta altura, já se deixa levar pela influência feminina (e a beleza não tivesse tantas qualidades, a "fera" não conseguiria retornar à condição humana).

## ROMANCE

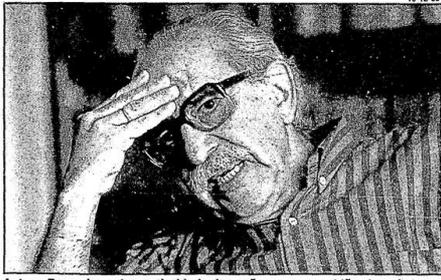
### Máquina de metáforas

SONIA COUTINHO

MONTE DA ALEGRIA, de Autran Dourado. Editora Funarte Alves, 186 pgs. Cr\$ 2.120,00.

"Nada me agrada mais do que a concepção do poema e da narrativa como máquina de metáforas", frase de Autran Dourado, em seu "Póstica de romance, matéria de carpintaria", livro lançado em 1976 e no qual ele explica como elabora suas obras. É ela continua válida para se entender este "Monte da Alegria". Trata-se de um romance-máquina bem azeitado, que relata a saga do irmão Francisco e de suas companheiras, Marta e Maria, que peregrinam pelo Sul de Minas à procura de um muro onde possam construir uma ermida, a fim de expiar culpas passadas.

Já nas primeiras linhas, "Monte da Alegria" revela os minuciosos cuidados do autor com seu texto — mas os efeitos alcançados nada têm da suposta frieza das máquinas. Pelo contrário, são densamente poéticos, nos contrastes barrocos que se estabelecem entre misticismo e desvario da sensualidade. Nesse sentido, o novo romance de Autran Dourado lembra mais a famosa "máquina de metáforas", concebida, no século XVII, pelo jesuíta Athanasius Kircher, e destinada a produzir imagens, numa operação que seu criador designou como "a grande arte da luz e das sombras".



Autran Dourado: entre a claridade das ações e a escuridão dos símbolos

Em "Monte da Alegria", há o lado claro da ação externa, movimentada, com algo de epopéia popular, até mesmo de cordel, nas evocações ao episódio de Canudos; e há o lado lírico, das sombras, que se estabelece através do tecido de símbolos que compõe o romance, de seu fundo mítico, das alusões a paixões inconfessáveis, e também através dessas mágicas e misteriosas figuras femininas: Como de hábito, Autran Dourado lança mão de um respeitável arsenal de técnicas narrativas, mas sempre discretamente, sem

qualquer exibicionismo. Para acentuar a natureza composta de texto — mais importante ainda por se tratar de romance relativamente curto — ele usa um diálogo embutido, sem aces nem treveses, evitando interromper o fluxo da linguagem. Quando se fala da obra de Autran Dourado, a expressão "clássico" de alguma forma vem naturalmente: este "Monte da Alegria" mostra que ela é correta.

Sônia Coutinho é autora de "Além de Sola".

## POESIA

### Um poeta do chão

ROSANÉ PRECIOSA

GRAMÁTICA EXPOSITIVA DO CHÃO — POESIA QUASE TODA, de Manoel de Barros. Editora Civilização Brasileira, 344 pgs. Cr\$ 2.950,00.



Prefaciado por Berta Waldman e ilustrado por Poty, o livro inclui ainda as quatro únicas entrevistas longas já concedidas (entre 1970 e 1989) por este reticente, porque tímido, autor. Vale ressaltar que é o próprio Manoel de Barros que faz questão de acentuar essa sua "inaptidão para o diálogo". Curiosa inaptidão esta, pois o poeta revela, no conjunto das entrevistas, enorme apetite verbal. "A poesia existe nos fatos", dizia Oswald de Andrade. Manoel de Barros segue a pista oswaldiana de um jeito bem peculiar: "O que é bom para o lixo é bom para a poesia", diz um verso seu, extraído de "Matéria de poesia" (1974). Neste mesmo livro, encontramos um outro verso, essencial para o entendimento de sua poe-

tica: "Poesia é a loucura das palavras". Esclarece-se objetivamente sua intenção: "Salvar as palavras da morte, por clichê". O poeta é aquele que reanima as palavras, despertando-as de seu estado de dicionário. Através da poesia de Manoel de Barros é sua filosofia da composição expressa em versos. Em "Informações sobre a Musa" (1937), o leitor poderá saborear o perfil nada clássico de sua musa: "Minha Musa sabe asneirinhas? Que não devam andar/ Nem na boca de um cachorro!". Em "Arranjos para assobio" (1982), faz-se mais uma incursão à sua "Estética da ordinariade": desfilam por seus poemas verso, lesma, "e-dra, caracol. Lemos ali em dois versos mais elucidativos da "teoria pessoal da composição": "Eu escrevo com o corpo/ Poesia não é para compreender, mas para incorporar". Esse é o jogo simbólico do poeta, obedecendo à idéia de se tornar as próprias coisas ao conhecê-las. Ele trava um contato estreito com a Natureza, na intenção de traduzi-la com os sentidos. Reivindica o entendimento direto com aquilo que vê. O traço dominante na poética de Manoel de Barros parece residir na sua predileção pelo repertório faralisco com que irá compor seus versos. No íntimo que traz à tona, não existe mensagem a ser decifrada. O que há é a matéria viva dobrada à condição de língua.

Rosane Preciosa é poeta e cientista social.

## ESTRÉIA

### Economia de palavras

LUCIANO TRIGO

MÍNIMO MÚLTIPLO COMUM, de Rosa Amanda Strauss. Editora José Olympio, 120 pgs. Cr\$ 1.090,00.



Num dos textos de "Póstica" Jorge Luís Borges afirmava ser um desvario escrever romances inteligentes a partir de idéias cuja perfeita exposição cabe em poucas linhas. Em seu livro de estréia, "Mínimo múltiplo comum", a caricata Rosa Amanda Strauss parece estar de acordo com o escritor argentino. A maior parte de seus contos não chega a encher uma página, e um deles não ultrapassa duas linhas. Classifica-la como minimalista, portanto, é uma tentação inevitável, mas insuficiente. Se, no plano formal, Rosa Amanda segue à risca a palavra de ordem "menos é mais", com uma rigorosa economia

ximo de informação ficcional e poética.

Rosa Amanda transforma o insólito em banal e o banal em insólito. Não há nada que não lhe sirva de pretexto para flagrar seus personagens em instantes de revelação: um retrato numa mesinha é o elemento que detona a redescoberta de uma paixão irrealizada no passado ("Tempo II"); um telefone se torna signo da solidão dos grandes centros urbanos ("O telefone"); e o velho tema do triângulo amoroso ganha novas e intrigantes feições ("Perfeta geometria"). Em contos tão curtos, também é surpreendente que ainda haja espaço para a emergência do bôlico e do fantástico ("O vôo da bololeia"), "O banquete".

Em "Muito romântica", a autora brinca com a própria natureza do texto, ao estabelecer um paralelo entre os sentimentos (ou sua ausência) e as figuras de linguagem (ou sua abolição). "Inferno, amado, vou não ser a melindosa que eu pensava", conclui a narradora, ao descer, correr sobre o amor que transforma os olhos de seu objeto em um lago para em seguida reduzi-los à "fria realidade daquelas duas pedrinhas



Rosa Strauss: minimalista é pouco

Tem 16 anos no retrato sobre a mesinha e sessenta na poltrona à sua frente. Se ela chegasse só mais pouquinho para a direita, ele poderia ver as duas imagens sobrepostas e tentar descobrir por que aquele

## Os mais vendidos

FIÇÃO		NÃO FIÇÃO	
1	Agosto Rubem Fonseca — Cia. das Letras (2)	1	Chega de saudade Ruy Castro — Cia. das Letras (3)
2	Brida Paulo Coelho — Rocco (17)	2	Fernanda Montenegro em o exercício da paixão Lúcia Rito — Rocco (5)
3	O ônus da prova Scott Turow — Record (5)	3	Ame e dê vexame Roberto Freire — Guanabara (36)
4	Lembranças da meia-noite Sidney Sheldon — Record (1)	4	História da vida privada II P. Ariès & G. Duby — Cia. das Letras (17)
5	O alquimista Paulo Coelho — Rocco (40)	5	O melhor do mau humor Ruy Castro — Cia. das Letras (19)
6	O jornal da noite Arthur Hailey — Record (16)	6	Do Eden ao divã Moacyr Scliar — Shalom (12)
7	Operação Cavalo de Tróia IV J.J. Benitez — Mercurio (12)	7	Virando a própria mesa Ricardo Semler — Best Seller (13)
8	A imortalidade Milan Kundera — N. Fronteira (16)	8	Nos bastidores da notícia Alexandre Garcia — Globo (25)
9	Onde está Wally? Marlin Handford — M. Fontes (8)	9	Imagens que curam Gerald Epstein — Xenom (18)
10	A volta por cima Fernando Sabino — Record (2)	10	A velhice S. de Beauvoir — N. Fronteira (13)

ferencista sobre o desenvolvimento da mulher, em seus desdobramentos políticos e religiosos. Tem cinco livros publicados sobre psicologia feminina.

Marili Berg é autora de "A divina vida interior".

verum, nem por isso ela se contenta em retratar com uma pretensa objetividade situações do cotidiano. "Mínimo múltiplo comum" não é mínimo no sentido de levar à literatura às suas mínimas consequências formais, mas sim porque extrai de narrativas ínfimas em tamanho o má-

emolduradas por grossos aros de plástico". Buscar metáforas que façam a mediação entre a vida literária e a realidade: seria de se perguntar se não é essa a função da literatura.

Luciano Trigo é coordenador da seção Livros.

wejo jamais havia acontecido. Mas ela se levantou bruscamente e ofereceu um café. Ele aceitou, resignado, pensando que ser tarde demais era um destino como outro qualquer.

Os dados para esta pesquisa foram colhidos nas livrarias Siciliano (Centro, Ipanema, Copacabana (2) e Barra-Shopping); Timbre (Gávea e Ipanema); Eça & Cia e Dazibao (Ipanema); Xenan e Eir & Voca (Copacabana); Francisco Alves (Centro e Ipanema); Unilivros (Lafion, Copacabana e Largo do Machado); Eldorado-Site e Santo Alonso (Tijuca); Melhoramentos (Saeiz Peña); Sodiler (Rio-Sul); Riomarket (Botafogo); Ponto d'Encontro I e II (Teresopolis). Entre parênteses o número de semanas em que o livro figura na lista.

0201